

A infância no limite

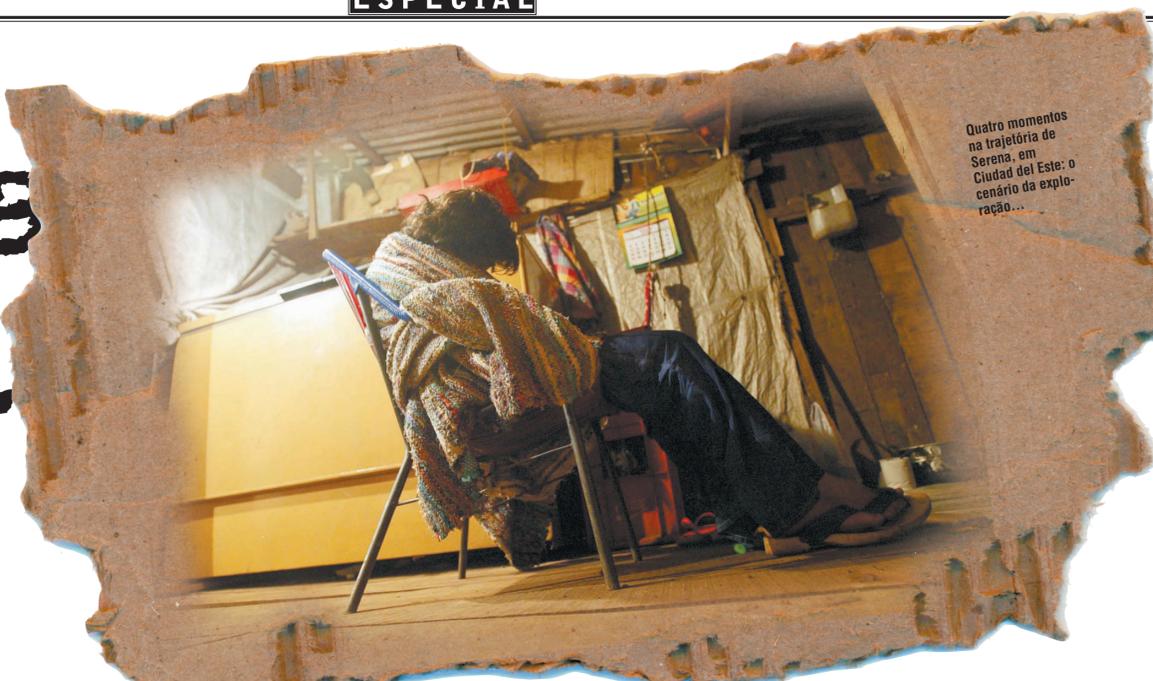
O preço da inocência

Falta de repressão e de controle migratório transformam áreas fronteiriças em centros de exploração sexual de crianças

QUAL O PREÇO DA INFÂNCIA? PODE CUSTAR um par de sapatos em São Borja, um quilo de farinha em Ponta Porã, um pirulito em Foz do Iguaçu, um pastel em Ciudad del Este, ou um prato de comida em Puerto Suarez. São valores estabelecidos não sob a lei econômica da oferta e da procura, mas no território da exploração sexual de crianças e adolescentes, um dos crimes mais combatidos em todo o mundo. Ao longo de 7 mil quilômetros da fronteira do Brasil com Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia, graças à falta de repressão policial e controle migratório, tornou-se um negócio rentável que ignora a idade, o sexo e a nacionalidade das vítimas.

faziam a divulgação da casa e transportavam clientes e as garotas de programa. Na noite do flagrante, três adolescentes de 16 anos e uma de 17 estavam no local. Carol responde na prisão pelos crimes de favorecimento à prostituição e exploração sexual. Apenas convidados e frequentadores conhecidos passavam pelos portões do casarão no bairro Beverly Falls Park, onde ela recebia seus clientes. Ouvia pela reportagem, um homem que acompanhou o leilão de Aline descreveu a cena: "Não era como nesses leilões tradicionais, em que a pessoa grita o valor do lance. Era tudo muito discreto. A menina foi apresentada aos clientes, um por um. Naquela noite tinha muita gente importante, e eles tocavam nela, que parecia assustada. Enquanto tocava música, eles faziam sinais para a mulher que comandava o leilão. No final, a menina ficou com o

do que se imagina nas fronteiras. Só muda o endereço e o objeto da barganha. Não são poucos os lugares em que a miséria e a fome levam mães a trocar os filhos por comida. "Aqui, pode ser por um quilo de farinha ou de arroz, não importa", diz a diretora do abrigo municipal de Ponta Porã (MS), Anátalia Steil. "Iso choca, mas faz parte da nossa realidade." Ponta Porã vê seus problemas duplicarem porque recebe diariamente um grande número de moradores de rua vindos da cidade de Pedro Juan Caballero, no Paraguai, à qual está unida de forma indissolúvel por uma avenida. Essa proximidade territorial – que amplifica os problemas sociais – ocorre também na fronteira com a Bolívia. De Corumbá (MS) a Puerto Suarez bastam cinco minutos de carro, por uma avenida onde raramente há controle fiscal ou policial. Ao cruzar a fronteira, a mato-grossense Fernanda, 16



Quatro momentos na trajetória de Serena, em Ciudad del Este: o cenário da exploração...



...sua tentativa de fuga por entre as barracas que vendem espetinhos na estrada para Assunção...

30 dias, 9.200 quilômetros

Um milhão e meio de pessoas vivem nas 66 cidades brasileiras ao longo dos sete mil quilômetros da fronteira que se estende de Chuí (RS) a Corumbá (MS). Outros 500 mil habitantes moram nas cidades fronteiriças dos países vizinhos. Desse total, uma em cada dez pessoas – ou seja, cerca de 200 mil – circula diariamente entre um país e outro sem qualquer controle policial. Foi por esse ambiente que o repórter Mauri König e o fotógrafo Albari Rosa circularam durante 30 dias, de 1.ª a 30 de outubro, para documentar a exploração sexual de crianças e adolescentes. A equipe percorreu 9.200 quilômetros, visitou 39 pontos de prostituição e exploração sexual e conversou com 42 fontes de informação oficial. O resultado é uma série de reportagens que começa hoje e prossegue até sexta-feira.

Os textos revelam uma seqüência de histórias tristes, de adolescentes brasileiras induzidas à exploração sexual em Buenos Aires por quadrilhas bem montadas, e casos de jovens levadas pela miséria às ruas e boates de Puerto Suarez, Pedro Juan Caballero ou a um punhado de pequenas cidades paraguaias próximas dos limites territoriais do Paraná. As fronteiras permeáveis à migração ilegal permitem ainda a escravidão de jovens argentinas em São Borja e Uruguai e de uruguaias em Chuí e Santa Vitória do Palmar, no Rio Grande do Sul. Muitas vezes essas situações ocorrem sob a convicção da polícia, ou ainda devido à vigilância frouxa sobre esse tipo de crime – o combate ao tráfico de drogas e ao contrabando é uma prioridade maior para agentes e delegados.

Os relatos não são desconhecidos pelas autoridades. O relatório da CPI Mista da Exploração Sexual, cuja versão final foi divulgada pela Câmara Federal em outubro, dedica um capítulo às fronteiras. Lista 12 acordos internacionais que prevêm a proteção à infância, cujos preceitos não estariam sendo observados nas fronteiras brasileiras. E recomenda que, para cumprir esses tratados, o Congresso aprove a transferência dos crimes contra direitos humanos – incluindo a exploração sexual de crianças e adolescentes – da alçada estadual para a federal.

Pokémons, espetinhos e cerveja na rotina de Serena

Adolescente de 12 anos era agenciada por outra, de 14, a 100 metros de um posto policial

HÁ UM MÊS, SERENA VIVIA UMA ROTINA quase militar. Estava de prontidão a qualquer hora do dia ou da noite para atender quem a procurasse e, obediente, cumpria todas as ordens que recebia. Aos 12 anos, pequena, pálida e muito magra com seus 30 quilos, Serena não tinha nada de soldado. Era submetida à exploração sexual na periferia de Ciudad del Este, cidade paraguaia unida a Foz do Iguaçu pela Ponte da Amizade.

Foi nessa condição, de prontidão, que a reportagem da Gazeta do Povo a encontrou, na madrugada de 14 de outubro. Passava das 3 horas e Serena dormia, entre um cliente e outro, nos fundos de uma barraca de madeira que vende churrasquinhos, à beira da estrada que liga Ciudad del Este a Assunção – a Barraca da Pamela, uma fachada para a exploração decorada por propagandas de cerveja entremeadas por personagens de desenhos animados, como o pokémon Pikachu. Chegara 10 minutos antes, exausta, depois de ser sequestrada por três homens, que a submeteram ao coito anal.

agenciadora – na verdade uma outra adolescente, de 14 anos. Dizia que era melhor ficar ali, onde era alimentada com espetinhos de carne e pastéis e se sentia mais segura.

De banho tomado

Com apoio dos jornalistas paraguaios Juan Carlos Salinas e Oscar Florentin, na tarde seguinte os repórteres da Gazeta articularam o resgate de Serena. Entrou em ação uma equipe, com a coordenadora do Conselho Municipal dos Direitos dos Meninos, Meninas e Adolescentes (Codemi), Romilda Gomez Gonzalez, à frente. A operação contou ainda com a participação de 10 soldados da Polícia Nacional do Paraguai, lotados num posto sob o viaduto localizado a menos de 100 metros de onde Serena era explorada. Assustada, a menina resistiu à abordagem, correu por entre as barracinhas para fugir dos policiais, mas logo aceitou acompanhar Romilda. A situação foi acompanhada pelos frequentadores do lugar, inclusive por outras jovens que aparentemente a mesma idade de Serena.

"Protetores"

Escondida por baixo de um cobertor xadrez, a menina pouco falava. Disse apenas que uma semana antes um grupo de cinco homens prometera abrigir em um barraco da cidade vizinha de Puerto Franco, em troca de favores sexuais. Ela passou alguns dias com esses "protetores". Mas voltou. Ela não estava disposta a romper o vínculo com Pamela, a

Já no abrigo municipal de Ciudad del Este, Serena tomou banho e trocou a roupa que usava havia mais de uma semana. Depois de vários dias de jejum forçado nas ruas, a primeira refeição foi pão, salsicha, mandioca cozida e salada verde. No abrigo, Serena passou a receber tratamento médico e psicológico, está estar preparada para voltar para a família, da qual havia fugido para viver nas ruas.

"Naquela noite tinha muita gente importante, e eles tocavam nela, que parecia assustada. Enquanto tocava música, eles faziam sinais para a mulher que comandava o leilão. No final, a menina ficou com o cara que pagou mais... uns 500 dólares."

Anônimo, testemunha do leilão em que Aline, uma menina de 16 anos, teve sua virgindade vendida em uma boate de Foz do Iguaçu (PR).

"Pode ser por um quilo de farinha ou de arroz, não importa."

Anátalia Steil, diretora do abrigo municipal de Ponta Porã (MS), explicando como a pobreza leva famílias a entregar crianças à exploração sexual.

"Muitas vezes ela passava a noite na rua para não apanhar."

Cláudia Maurer, conselheira tutelar de São Borja (RS), descrevendo o caso de Luzia, 11 anos, entregue pela mãe a um homem de 40 anos em troca de um par de sapatos.

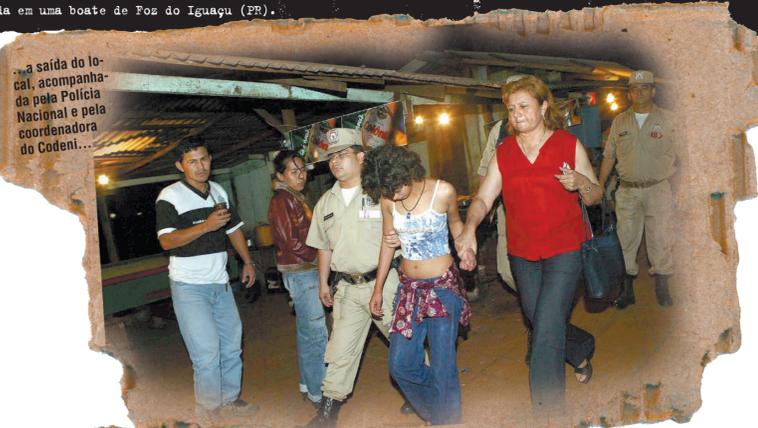
Para preservar a identidade das vítimas, os nomes de crianças e adolescentes citados nesta reportagem são fictícios.

multo próximas. Aline tem 16 anos, Serena tem 12. Vivem em países diferentes, a dez quilômetros uma da outra, mas foram igualmente vítimas da violência sexual. A brasileira teve sua virgindade leiloada por 500 dólares há um ano em uma boate de Foz do Iguaçu (PR). Serena vinha sendo explorada sexualmente até o início do mês passado nas ruas da vizinha Ciudad del Este, no Paraguai. Como pagamento, recebia abrigo num barraco de favela e pastéis para se alimentar. Aline tomou rumo ignorado após o fechamento da boate. Serena foi resgatada das ruas com o apoio da reportagem da Gazeta do Povo (ver reportagem na próxima página).

Aline era explorada numa boate, fechada dia 18 de junho graças à persistência do Conselho Tutelar. O conselheiro Claudinei Lopes passou seis meses juntando provas contra Carol Arveni de Vargas, proprietária do local. Conseguiu documentos sobre a boate e o envolvimento de taxistas, que cara que pagou mais... uns 500 dólares". No extremo oposto, crianças são exploradas em troca de comida ao longo da fronteira brasileira. Em São Borja (RS), um par de sapatos foi o preço da virgindade de Luzia. Aos 11 anos de idade, ela foi vendida pela mãe a um homem de 40 anos que passou a sustentá-la em troca de favores sexuais da menina. Ele a buscava em casa por volta das 8h30 e só a devolvia de madrugada. Nessa rotina de quase dois anos, a menina era espancada quando voltava de mãos vazias. "Muitas vezes ela passava a noite na rua para não apanhar", conta a conselheira tutelar Cláudia Maurer. Sob risco de perder a guarda da filha, resgatada pelo Conselho Tutelar, a mãe, analfabeta e abandonada pelo marido, questionou o juiz da Vara de Infância e Adolescência. Via no ato de explorar a filha uma forma natural de sobrevivência. Histórias como a de Luzia se repetem com mais frequência

anos, esperava uma vida diferente daquela que encontrou. Cooptada por um agenciador brasileiro, ela passou a ser explorada sexualmente num prostíbulo de Puerto Suarez. Durante semanas seu único pagamento foi um prato de comida. Fugiu e hoje vive nas ruas de Corumbá. Situações como esta chocam até mesmo quem está acostumada a lidar diariamente com o drama da exploração sexual. Pelas mãos da psicóloga Flora Villalba passaram 362 meninas atendidas pelo Centro de Atenção, Prevenção e Acompanhamento de Meninos e Meninas e Adolescentes (Ceapra), em Ciudad del Este, no Paraguai. Um dos casos mais marcantes, diz, foi de uma menina de 9 anos, induzida a fazer sexo oral toda vez que cruzava a Ponte da Amizade para vender doces em Foz do Iguaçu. No lado brasileiro, um grupo de rapazes a explorava em troca dos próprios doces que ela vendia.

— Mauri König



...a saída do local, acompanhada pela Polícia Nacional e pela coordenadora do Codemi...



...e a primeira refeição no albergue, já de banho tomado e roupa trocada, depois de 10 dias.

Dois crimes diferentes

- Exploração sexual é o ato ou jogo sexual em que o adulto utiliza a criança ou o adolescente para fins comerciais. Indução e participação em shows eróticos, casas de massagens, fotografias e filmes pornográficos são exemplos de exploração sexual comercial.
Abuso sexual é o ato ou jogo sexual em que o adulto submete a criança ou o adolescente para estimular-se ou satisfazer-se, impondo-se pela força física, pela ameaça ou pela sedução com palavras ou com oferta de presentes.

O MAPA DA VIAGEM

Cerca de 2 milhões de pessoas vivem em cidades brasileiras e dos países vizinhos no trecho da fronteira percorrido pela equipe da Gazeta do Povo. Abaixo, o roteiro da reportagem.



Pobreza ajuda a explicar a questão, mas não é tudo

Vânia, 17, recusou albergue público quando foi resgatada em Corumbá. Preferiu hotel

NÃO SÓ CRIANÇAS POBRES SÃO SUBMETIDAS à exploração sexual, nem o fenômeno se limita a países em desenvolvimento. As condições de miséria e pobreza são insuficientes para explicar por si só as causas desse flagelo, afirmam especialistas no assunto. Nem todas as vítimas de exploração vivem de famílias pobres, como evidência a trajetória da curitibana Vânia na fronteira do Brasil com a Bolívia. Como no caso dela, pode tratar-se também de adolescentes que por diversos motivos fogem da família de classe média e que vêm na prostituição um meio para poder sobreviver por sua conta, ou simplesmente para adquirir mais bens de consumo.

Após a prisão da cafetina e do fechamento da casa, Vânia não quis ir para o abrigo municipal. Segundo a psicóloga do Ministério Público de Corumbá, Suzete dos Santos Bezerra, foi então que começou a dar evidências de que era de alguma família de classe média alta. A adolescente pagou a estadia num hotel e voltou de avião para Curitiba, junto com a mãe, que foi buscá-la. Hoje com 19 anos, Vânia não faz mais programas. É agenciadora em Campo Grande.

Crianças e adolescentes em processo de recuperação não foram ouvidos pela reportagem para evitar que as lembranças evocadas pelos depoimentos prejudiquem o tratamento. Nesses casos, os textos baseiam-se em relatos de testemunhas, psicólogos, assistentes sociais, conselheiros tutelares e em inquéritos policiais.

Leia na próxima página a forma de atuação dos aliciadores de crianças e adolescentes.



Texto Mauri König
Fotos Albari Rosa
Edição Franco Iacomini
Diagramação Marcos Tavares
Infografia Lyn Januzzi

